

COISAS FÚNEBRES

Saiu o Cardeal de seus cuidados e de seu Palácio, e foi ao gabinete do Prefeito para lhe dizer que a Igreja espera que ele vote a lei que obriga a Santa Casa de Misericórdia do Rio de Janeiro, que tem o monopólio dos serviços fúnebres, a construir fornos crematórios, em seus cemitérios, para uso facultativo.

A intenção do prefeito, nós a conhecemos, pois o seu silêncio a diz: era não aprovar nem vetar a lei; ela então voltaria para a Câmara Municipal, cujo presidente a sancionaria. Esse presidente já estava ameaçado de excomunhão, pois a Igreja excomunga quem contraria seus princípios em certos assuntos, e casos; e neste caso e assunto o Direito Canônico não tem perdão. Ora, esse presidente estaria obrigado por lei a sancionar o projeto; e, portanto, seria excomungado por cumprir a lei — o que é triste, principalmente em um país onde habitualmente nem se excomunga ninguém, nem ninguém cumpre lei alguma.

Mas esse homem horroroso e cruel que é o jornalista J. E. de Macedo Soares veio em socorro do presidente da Câmara. Mostrou que quem merece excomunhão é o prefeito. Este deve ser excomungado por omissão. Não lhe basta não aprovar; é preciso que ele vote. Também é triste ser excomungado por omissão em uma terra em que tantos praticam, sem nenhum castigo, tantas ações diabólicas, e feias.

Eis porque saiu o Cardeal de seu Palácio e foi visitar o Prefeito no dêle. Os dois se trancaram, e a conversa foi longa, e ao fim nenhum disse, cá fora, abacate. Isso mostra que o Prefeito resistiu, e argumentou. Deve ter sido uma cena bela e terrível, esta: o Prefeito a querer agir de acordo com sua consciência, como autoridade e cidadão de uma democracia, onde, se nem todos podem ter a vida que pediram a Deus, é justo ao menos que cada um escolha sua melhor maneira de ficar morto. E o Cardeal, com santa paciência e verbo severo, a lhe querer salvar a alma, não apenas a sua como a do presidente da Câmara. Que diabo de cidade não ficaria esta, já tão cheia de pecados, se ficasse com o Prefeito e o Presidente da Câmara excomungados? Só a idéia nos faz tremer.

Os cristãos querem seus mortos enterrados, e os judeus os seus queimados. A primeira vista parece racional que cada um faça como entender. Mas o Cardeal cuida que não, e contrariar o Cardeal é o diabo.

Eu, por mim, que não sou nem cristão nem judeu, posso morrer de tudo, menos de me afligir com o que acontecerá a este triste corpo ou a esta velha alma quando o Braga bater a bota, e eles se separarem. Vivem um a fazer trapaças com o outro, e a sofrer por causa do outro, e a fazer o outro sofrer; na verdade nunca se deram muito bem. A idéia da morte já me parece bastante consoladora para que eu lhe peça confortos suplementares. Não, não exijo nada, não faço questão de nada. Se me permitissem um capricho de luxo, então eu confessaria que me apraz a perspectiva de virar cinzas, e ser lançado aos ventos; que o programa de ficar dentro de um daqueles feios retângulos de cimento do cemitério S. João Batista, entre túmulos detestáveis e pernósticos, me parece menos suave que descansar numa cova de terra, em algum lugar humilde onde possa crescer o mato, e que o tudo o que era Braga vire moita — e não se fale mais nisso.

Mas estou por tudo — depois de morto, é claro. E a crônica hoje me saiu fúnebre. O melhor é ir para casa, isto é, para o apartamento, isto é, para um pequeno retângulo de cimento onde posso me habituar à idéia de ser mudado, mais tarde, para outro ainda menor. E o Cardeal e o Prefeito, que são brancos, que se entendam.

RUBEM BRAGA

CONFISSÕES

Às vezes, os poetas confessam coisas que, ditas em prosa, na certa os levariam ao ridículo, à prisão, à morte ou ao hospício

"Eu quero despojar-me de todas as minhas riquezas".

(Augusto Frederico Schmidt — A Estrêla Solitária)

*

Arnal, Belo Horizonte é uma tolice como as outras. São Paulo não é a única cidade arlequina".

(Mário de Andrade — Poesias)

*

Tenho jeito para gigolô".

(Mário de Andrade — Id.)

*

"Mil dedos me apontam nas ruas; eis o homem que é fanático por uma mulher".

(Murilo Mendes — A Poesia em Pânico)

*

"Sou a mais baixa das criaturas".

(Manuel Bandeira — Estrêla da Mannay)

*

"Sou o meu próprio Frankenstein".

(Mário Quintana — A Rua dos Cataventos)

*

Ví Sócrates beber a taça de sicuta..."

(Jorge de Lima — Obra Poética)

*

"Se eu morresse agora, se eu morresse precisamente neste momento, duas boas lembranças levaria: a visão do mar do alto da Misericórdia de Olinda ao nascer do verão e a saudade de Josefa, a pequena namorada do meu amigo de Tramataia".

(Joaquim Cardoso)

*

"Por que me apertas com tanta força?"

(Dante Milano — Poesias)

*

"O passarinho dela está batendo asas, "seu" Carlos! Ele diz que vai-se embora sem você pegar".

(Carlos Drummond de Andrade — Poesia até agora)

*

Morrer é o mesmo que colher uma rosa".

(Cassiano Ricardo — A Face Perdida)

*

"Tenho gana de infringir todos os mandamentos... Mas, no fundo, meu Deus, eu sou família".

(Sérgio Milliet — Poesias)

"Graças a Deus, quem vê cara não vê coração, nem o resto".

(Afonso Arinos de Melo Franco — Antologia dos Poetas Bissexto)

*

"Eu tinha prometido voltar mais cedo e me deixei levar".

(Anibal Machado — Id.)

*

"Rasguei teu vestido, roubei teu anel".

(Di Cavalcanti — Id.)

*

"Eu detesto teus oradores, Bahia de Todos os Santos, teus ruis barbosas, teus otávios mangabeiras, mas gosto dos teus angus e das tuas mulatas".

(Gilberto Freyre — Id.)

*

"Não quero ser Deus por orgulho".

(Ismael Nery — Id.)

*

"Eu quero ser desprezível, indigno, estúpido, infame, quero chafurdar no lódo".

(Pedro Dantas — Id.)

*

"I love you very much".

(Raimundo Magalhães Júnior — Id.)

*

"Minha alma está garantida num rodapé de Tristão".

(Rubem Braga — Id.)

*

"Para as horas, tão inúteis, vale apenas a solução dos bêbados".

(Joel Silveira — Id.)

*

"Sinto que as minhas pernas são desmontáveis".

(José Auto — Id.)

*

"Sou firme que nem areia em noite de tempestade".

(Murilo Mendes — O Visionário)

*

"Sou um mártir da delicadeza; sou um monstro da delicadeza".

(Vinicius de Moraes — 5 Elegias)

*

"Sinto desejos estranhos de mulher grávida".

(Vinicius de Moraes — Id.)

O que dizem os livros

"A divergência a confessar aqui, entre o brasileiro e o português, refere-se precisamente, à atitude que mantêm, um e outro, no tocante à alimentação.

Para um, a alimentação constitui uma teoria prazerosa de valores herdados, às vezes levados ao exagero do prazer, vizinho da gula... Para outro, a alimentação constitui coisa de menor importância, fonte de prazer menos buscada, quase esquecida...

Não será preciso individualizar. É fácil perceber de que lado está o português, com o seu sorriso de quem deseja conquistar os alimentos... Claro que há exceções, num grupo e noutro. Bem sei da existência de brasileiros capazes de grande apetite e de compreenderem até sutilezas de mesa, requintes de civilização... E também de portugueses enfiados de molhos e caldos, portugueses raros, sem apreço pela comida, capazes de surgir em certa noite de Lisboa ou num conto triste de Flahou

D'Almeida... Refiro-me, porém, aquela fração representativa da população média. Principalmente, aos homens e às mulheres do povo, às donas de casa que se abastecem nos mercados de Lisboa, onde até passarinhos deitados existem, postos à venda, ou às donas de casa que se abastecem nas feiras de Botafogo, onde tantas vezes é difícil encontrar crespas verduras... Falo também dos homens do campo, a pisarem as vinhas de Vizeu, lá, ou a terra calcinada de Propriá, aqui. Falo dos que têm o dever de surgir, a cada manhã, para a vida desconfortável, depois de noites sem alegria, falo do povo.

Um dos mais graves aspectos do problema alimentar brasileiro é a falta de interesse anímico do povo pela alimentação. No entanto, o interesse anímico pela comida existe, vivo e poderoso, no português da mesma condição cultural. E por que não se

transmitiu ele ao brasileiro? Por que não o herdamos também, ao mesmo tempo que herdávamos a língua, a religião e tantos valores psicológicos? Razões econômicas podem explicar essa contradição aparente. Motivos ligados à expansão econômica vieram impedir, no alvorecer da nacionalidade brasileira, esse contato fácil com os alimentos, esse encontro cotidiano, essa infiltração sensorial que desde séculos se realizou no português — sob a base poliagrícola de sua economia — e que aqui se não verificou graças à monocultura instalada no Brasil colonial, com a cana, rainha de todas as terras brasileiras, cana que era a agricultura imperativa e avassaladora, o dinheiro para as trocas coloniais, a força monetária do trabalho, para a vida dos primeiros tempos nacionais" (Dante Costa — "O sensualismo alimentar em Portugal e no Brasil").